

No início era apenas uma  
mentira inocente, mas se tornou  
a maior verdade de suas vidas

*Ligeiramente*  
ESCANDALOSOS

..........  
MARY BALOGH

*Mais de 4 milhões de livros vendidos*





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

# CAPÍTULO I



Quando foi se deitar, Lady Freyja Bedwyn estava com um péssimo humor. Embora tivessem arrumado uma cama extra no quarto e a criada já estivesse se preparando para dormir nela, Freyja a dispensou. Alice roncava, e ela não estava com a menor vontade de dormir com um travesseiro pressionado às orelhas para não ouvir o terrível barulho, apenas para obedecer às regras do decoro.

– Mas Sua Graça deu instruções específicas, milady – lembrou a camareira timidamente.

– Para quem você trabalha? – perguntou Freyja, em um tom de voz autoritário. – Para o duque de Bewcastle ou para mim?

Alice olhou para ela com uma expressão ansiosa, como se desconfiasse de que a pergunta era uma armadilha... e bem que poderia ser. Embora fosse camareira de Freyja, era o duque de Bewcastle, irmão mais velho dela, que pagava seu salário. E ele lhe dera instruções claras para que não saísse do lado da patroa nem por um segundo durante a viagem que fariam de Grandmaison Park, em Leicestershire, até a casa onde estava Lady Holt-Barron, na área de The Circus, em Bath. Bewcastle não gostava da ideia da irmã viajando sozinha.

– Para a senhora, milady – mentiu Alice.

– Então saia. – Freyja apontou para a porta.

Alice a encarou, ainda em dúvida.

– Não há tranca na porta, milady – alertou.

– E se algum intruso entrar durante a noite, é *você* quem vai *me* proteger? – perguntou Freyja em tom debochado. – Seria mais provável o contrário.

Alice parecia angustiada, mas não teve escolha a não ser sair.

Então Freyja ficou sozinha em um quarto de segunda classe, em uma estalagem de segunda classe, sem criada para atendê-la... e sem tranca na porta. E também com um terrível mau humor.

Bath não era um destino que lhe inspirasse qualquer animação ou expectativa. De fato, era uma excelente estação de águas e já atraía a nata da sociedade inglesa. Mas isso não acontecia mais. O local agora era um ponto de encontro refinado para idosos, enfermos e pessoas que não tinham lugar melhor para ir... como ela. Freyja havia aceitado o convite para passar um ou dois meses com Lady Holt-Barron e a filha Charlotte, que era sua amiga, mas não sua *melhor* amiga. Em circunstâncias normais, Freyja teria declinado educadamente o convite.

Mas aquelas não eram circunstâncias normais.

Ela acabara de sair de Leicestershire, onde visitara a avó doente e comparecera ao casamento do irmão Rannulf com Judith Law. Deveria voltar para casa, para Lindsey Hall, em Hampshire, com Wulfric, que era o duque, e os irmãos mais novos, Alleyne e Morgan. Mas a perspectiva de estar em Lindsey Hall naquele momento era intolerável para Freyja. Então, ela usara a única desculpa que tinha para *não* voltar.

Era mesmo uma vergonha ter medo de voltar para a própria casa. Freyja cerrou os dentes enquanto subia na cama e apagava a vela. Não, medo, não. Ela não tinha medo de nada nem de ninguém. Apenas não suportava a ideia de estar lá quando *aquilo* acontecesse.

No ano anterior, Wulfric e o conde de Redfield, vizinho deles de Alvesley Park, sugeriram que Freyja se casasse com Kit Butler, visconde de Ravensberg, filho do conde. Os dois jovens se conheciam a vida inteira e haviam se apaixonado quatro anos antes, durante um verão em que Kit estava de licença de seu regimento na Guerra da Península. Mas, na época, Freyja já estava praticamente noiva de Jerome, irmão mais velho de Kit, e acabou sendo convencida a fazer a coisa certa, honrando seu compromisso com Jerome. Kit voltou para a guerra dominado por uma fúria mortal. Jerome, por sua vez, morreu antes que as núpcias acontecessem.

A morte de Jerome fez de Kit o filho mais velho e herdeiro do conde de Redfield e, de repente, um casamento entre ele e Freyja passou não só a ser possível como desejável. Ao menos foi isso que as famílias pensaram – incluindo Freyja.

Mas, ao que parecia, “todos” não incluía Kit.

Jamais ocorrera a Freyja que ele estivesse determinado a se vingar. Mas foi o que aconteceu. Quando Kit voltou para casa – para o que todos imaginavam ser a celebração do noivado com Freyja – ele trouxe uma noiva: a adequada, adorável e insossa Lauren Edgeworth. Freyja ainda teve a ousadia de desafiá-lo, acreditando que o noivado era uma farsa. No entanto, Kit realmente se casou com Lauren.

Agora a nova Lady Ravensberg estava prestes a dar à luz o primeiro filho do casal. Sendo a esposa perfeita, ela sem dúvida teria um filho homem. O conde e a condessa ficariam em êxtase e toda a vizinhança irromperia em comemorações animadas.

Freyja preferia não estar em nenhum lugar próximo a Alvesley quando isso acontecesse... e Lindsey Hall era próximo.

Daí a viagem a Bath e a perspectiva de ter que se distrair por lá por um mês ou mais.

Ela não fechara as cortinas no quarto da estalagem e, com a lua e as estrelas cintilando no céu, mais as várias lanternas acesas no pátio lá embaixo, o quarto parecia inundado pela luz do dia. Mas Freyja não se levantou para fechar as cortinas, preferiu puxar as cobertas sobre a cabeça.

Wulfric havia alugado uma carruagem particular para ela e toda uma procissão de cavaleiros corpulentos, com ordens expressas de protegê-la de qualquer perigo ou de qualquer outro inconveniente. Eles haviam sido instruídos a passar a noite em um estabelecimento de classe superior, que fosse adequado à irmã de um duque, mesmo que estivesse viajando sozinha. Infelizmente, uma feira de outono na cidade em que deveriam parar atraía muitas pessoas dos vilarejos vizinhos, portanto não havia vagas nas melhores hospedarias. Por isso se viram forçados a seguir viagem e então pararam *ali*.

Os cavaleiros tinham proposto fazer turnos de guarda do lado de fora do quarto de Lady Freyja, principalmente depois de saberem que não havia tranca em nenhuma das portas. No entanto, ela os dissuadira da ideia com tamanha firmeza que não deixara espaço para discussão. Não era prisioneira de ninguém e não se sentiria dessa forma. Agora Alice também se fora.

Freyja suspirou e tentou se acomodar para dormir. O colchão era um tanto encaroçado. O travesseiro, pior ainda. As cobertas que ela puxara sobre a cabeça não bloqueavam a entrada de toda a luz. Havia um barulho

constante vindo de todos os lugares. Sem contar a perspectiva de chegar a Bath no dia seguinte – tudo isso porque não podia ir para casa. Será que a vida poderia ficar mais desagradável?

Em algum momento, pensou Freyja antes de sucumbir ao sono, ela teria que começar a olhar com atenção para os cavalheiros – e havia muitos deles agora, apesar de já estar com 25 anos e sempre ter sido feia – que saltariam como cães amestrados se ela meramente sugerisse o casamento. Ser solteira em uma idade tão avançada não era nada divertido para uma dama. O problema era que Freyja não estava plenamente convencida de que se casar a colocaria numa situação melhor. E seria tarde demais se descobrisse isso depois que se casasse. Os irmãos dela diziam que o casamento era uma sentença de prisão perpétua – embora dois dos quatro houvessem sucumbido àquela sentença nos últimos meses.

Freyja acordou sobressaltada algum tempo depois, quando a porta do quarto subitamente foi aberta e depois fechada de novo. Não tinha certeza se estava sonhando até ver um homem dentro do quarto, vestido com uma camisa branca aberta no colarinho, calça escura e meias, um casaco jogado sobre um dos braços e um par de botas na outra mão.

Freyja saltou da cama como se tivesse sido ejetada por um canhão e apontou com determinação para a porta.

– Saia daqui! – gritou.

O homem abriu um sorriso tão largo que era visível mesmo na penumbra do quarto.

– Não posso, coração – retrucou ele. – O caminho por onde vim guarda um destino cruel. Preciso sair pela janela ou me esconder em algum lugar aqui.

– Saia já daqui! – gritou Freyja novamente, sem abaixar o braço nem o queixo. – Não dou abrigo a malfeitores nem a qualquer tipo de criatura do sexo masculino. Vamos, saia daqui!

De algum lugar no andar de baixo ouviam-se passos e vozes agitadas, todas falando ao mesmo tempo. Os sons se aproximavam depressa.

– Não sou nenhum malfeitor, meu anjo – disse o homem. – Apenas um inocente que estará muito encrencado se não desaparecer rápido. O guarda-roupa está vazio?

– Saia! – Ela ordenou mais uma vez.

Mas o homem atravessou o quarto em disparada até o guarda-roupa, abriu a porta e, ao constatar que estava vazio, entrou nele.

– Me dê cobertura, coração – pediu, antes de fechar a porta pelo lado de dentro –, e me salve de um destino pior do que a morte.

Quase no mesmo instante, Freyja ouviu uma batida insistente na porta. Ela não sabia o que fazer. Então a porta foi aberta mais uma vez, revelando o estalajadeiro segurando uma vela, um cavalheiro grisalho e robusto, e um indivíduo careca e corpulento que precisava muito se barbear.

– Fora! – exigiu Freyja, irada.

Lidaria com o homem dentro do guarda-roupa depois que resolvesse aquele novo ultraje. *Ninguém* entrava no quarto de Lady Freyja Bedwyn sem ser convidado, não importava se o quarto ficasse em Lindsey Hall, na Bedwyn House ou em uma estalagem caindo aos pedaços sem trancas nas portas.

– Peço perdão por perturbá-la, madame – disse o homem de cabelos grisalhos, estufando o peito e olhando ao redor do quarto em vez de encará-la –, mas acredito que um cavalheiro tenha acabado de entrar correndo aqui.

Se o homem grisalho tivesse esperado Freyja abrir a porta e se dirigido a ela com a deferência adequada, talvez ela houvesse entregado o esconderijo do fugitivo. Mas ele cometera o erro imperdoável de invadir o quarto e tratá-la como se ela só servisse para lhe dar informações sobre o fugitivo. O indivíduo que precisava se barbear, por outro lado, não fizera nada além de olhar para ela com uma expressão lasciva e tola nos olhos. E o estalajadeiro demonstrava uma lamentável ausência de preocupação com a privacidade dos hóspedes.

– Você realmente acredita nisso? – perguntou Freyja em um tom arrogante. – Por acaso está vendo esse cavalheiro que procura? Se não está, sugiro que feche a porta silenciosamente quando sair e permita que eu e os outros hóspedes deste estabelecimento voltemos a dormir.

– Se não for incômodo, madame – disse o homem grisalho, olhando primeiro para a janela fechada e depois para a cama e o guarda-roupa –, gostaria de fazer uma busca no quarto. Para sua própria proteção. O homem está em uma fuga desesperada e não é seguro que uma dama fique perto dele.

– *Uma busca no meu quarto?* – Freyja respirou fundo e empinou o proeminente e levemente adunco nariz típico dos Bedwyns, encarando-o com tanta frieza e arrogância que o cavalheiro finalmente olhou para ela.

– *Uma busca no meu quarto?* – Ela voltou os olhos para o estalajadeiro, ainda em silêncio, que se encolhia atrás da vela. – *É essa a hospitalidade*

que esse lugar oferece? A mesma de que se gabou com tanta eloquência quando cheguei aqui? Meu irmão, o duque de Bewcastle, saberá disso. E ficará muito interessado em descobrir que o senhor permitiu que outro hóspede, se é que esse cavalheiro é um hóspede, batesse à minha porta no meio da noite e entrasse no meu quarto sem esperar que eu abrisse, simplesmente porque acredita que um sujeito entrou aqui. O duque também vai gostar de saber que o senhor ficou parado sem dizer uma palavra em protesto enquanto esse mesmo cavalheiro sugeria fazer uma busca no meu quarto.

– O senhor obviamente está enganado, senhor – disse o estalajadeiro, meio escondido atrás do batente da porta. – Ele deve ter escapado por um caminho alternativo ou se escondido em outro lugar. Peço que me perdoe, madame... milady, de verdade. Permitted que eles viessem até aqui porque temi por sua segurança e achei que o duque iria querer que eu a protegesse a todo custo de fugitivos desesperados.

– Saiam! – falou Freyja mais uma vez, o braço esticado imperiosamente na direção da porta e dos três homens parados lá. – Vão embora!

O cavalheiro de cabelos grisalhos olhou uma última vez ao redor do quarto, o indivíduo com a barba por fazer encarou Freyja com luxúria mais uma vez e o estalajadeiro se adiantou na frente deles e fechou a porta.

Freyja ficou olhando para a porta fechada, as narinas dilatadas, o braço ainda esticado, o dedo ainda apontando naquela direção. Como eles *ousavam*? Jamais fora tão insultada na vida. Se o cavalheiro de cabelo grisalho tivesse dito mais uma palavra ou se o camponês atrevido a olhasse outra vez, ela teria ido até eles e batido com a cabeça de um na do outro com tanta força que eles veriam estrelas durante uma semana!

Ela com certeza não recomendaria aquela estalagem a nenhum de seus conhecidos.

Freyja quase se esquecera do homem no guarda-roupa, até que a porta do armário se abriu com um rangido e ele saiu do espaço apertado. Sob a luz que entrava pela janela, ela pôde perceber que ele era um homem jovem e alto, com membros longos. E muito louro. E provavelmente tinha olhos azuis, mas não havia luz o bastante para que Freyja comprovasse sua teoria. No entanto, o que vira era o suficiente para imaginar que o homem era bonito demais. Também parecia muito animado, o que era absolutamente inadequado.



– Foi uma performance magnífica – comentou ele, pousando as botas hessianas e jogando o casaco sobre a cama extra. – Você é realmente irmã do duque de Bewcastle?

Sob o risco de parecer tediosa e repetitiva, Freyja apontou mais uma vez para a porta.

– Saia! – ordenou.

Mas ele apenas sorriu e se aproximou mais um pouco.

– Acho que não é... – disse o homem. – Por que a irmã do duque estaria hospedada num estabelecimento modesto como este? E sem uma criada ou uma acompanhante para cuidar dela? Mesmo assim, foi uma atuação fantástica.

– Consigo viver sem a sua aprovação – observou Freyja, com frieza. – Não sei o que fez que possa ser tão hediondo. E não quero saber. Quero é que saia desse quarto *agora!* Encontre outro lugar para se encolher de medo.

– De medo? – Ele riu e levou a mão ao coração. – Você me magoou, meu encanto.

O homem estava parado muito perto de Freyja, então era possível notar que o topo da cabeça dela mal alcançava o queixo dele. Sempre fora baixa, estava acostumada a governar o próprio mundo de uma altura abaixo do nível onde acontecia grande parte da ação.

– Não sou coração, muito menos seu encanto – disse ela. – Vou contar até três. *Um.*

– Com que propósito? – Ele pousou as mãos ao redor da cintura dela.

– *Dois.*

O homem abaixou a cabeça e a beijou na boca. Os lábios dele estavam levemente abertos, o que tornou o toque íntimo, úmido, quente.

Freyja respirou fundo, jogou o braço para trás e acertou o homem com força no nariz.

– Ai! – disse ele, segurando o nariz entre os dedos e movendo o maxilar de um lado para o outro. Quando o homem retirou a mão do rosto, Freyja teve o prazer de ver que tirara sangue dele. – Ninguém lhe ensinou que, em circunstâncias escandalosas como esta, qualquer dama daria um tapa no rosto do homem, e não um soco no nariz?

– Não sou qualquer dama – retrucou Freyja, com determinação.

Ele sorriu novamente e secou o sangue do nariz com as costas da mão.

– Você é adorável quando está zangada – comentou.

– Saia.

– Mas, entenda, não posso fazer isso – explicou ele. – Aquele velho e seu escudeiro pugilista estarão esperando por mim, prontos para me forçar a casar. Isso é tão certo quanto eu estar parado aqui.

– Não quero ouvir os detalhes sórdidos da sua situação – disse Freyja, finalmente começando a pensar no motivo do desalinho das roupas dele.

– E por que eu deveria me importar por eles estarem esperando por você?

– Meu coração, porque eles me veriam saindo do seu quarto e chegariam a conclusões escandalosas. Sua reputação seria destruída.

– Eu com certeza conseguiria sobreviver ao choque.

– Tenha pena de mim, ó justa – pediu ele, sorrindo outra vez. Aquele homem não levava nada a sério? – Caí em uma armadilha antiga. Lá no salão do andar de baixo estavam o cavalheiro de cabelo grisalho e sua neta... uma donzela mais adorável do que as palavras podem descrever... sem nada para fazer durante a noite. E lá estava eu, também sem fazer nada. Foi a coisa mais natural do mundo que o avô e eu jogássemos algumas rodadas de cartas enquanto a dita donzela observava em silêncio, com uma expressão doce, sempre na minha linha de visão. Depois que me recolhi para dormir, a moça foi até o meu quarto para oferecer outro tipo de entretenimento... imagino que a senhorita tenha percebido que não há trancas nas portas. Eu deveria ter sido virtuoso e mandado a moça embora? Sim. Mas sou de carne e osso. No fim, foi sorte eu ainda estar de pé e meio vestido, e o avô não ter esperado demais para entrar no quarto intempestivamente, junto com o estalajadeiro e o brutamontes de aparência feroz. Também tive sorte por eles terem entrado com tanto entusiasmo no quarto que deixaram a porta livre. Saí correndo por ela, disparei pelo corredor e entrei na única porta disponível. Esta. – Ele indicou a porta do quarto com um gesto grandioso.

– Você ia corromper uma moça inocente? – perguntou Freyja, estufando o peito.

– Inocente? – O homem riu. – Ora, ela foi até o meu quarto, coração. Não que eu tenha relutado de alguma maneira, me sinto obrigado a admitir. Mas essa é a artimanha a que certos homens recorrem para conseguir um casamento vantajoso para suas filhas ou netas, ou ao menos para extorquir uma boa soma de dinheiro do homem em questão, para compensar a perda

da virtude da suposta donzela. Eles armam emboscadas em lugares como este até que um tolo como eu apareça, então entram em ação.

– Teria sido bem-feito se você fosse pego – disse Freyja. – Não tenho a mínima simpatia por sua situação.

Ainda assim, pensou ela, aquele era o tipo de complicação em que Alleyne poderia se meter, ou Rannulf, antes do recente casamento com Judith.

– Lamento, mas acho que vou ter que ficar aqui pelo resto da noite – disse o estranho, olhando ao redor. – Não dividiria sua cama elegante comigo, não é?

Freyja o encarou com seu olhar mais frio, mais arrogante, aquele que costumava paralisar os mortais comuns.

– Não? – Ele sorriu mais uma vez. – Terei que ficar com a cama extra, então. Vou tentar não roncar. Espero que você não ronque.

– Você vai sair deste quarto – falou Freyja –, antes que eu conte até três, ou vou gritar. Muito alto. *Um*.

– Você não faria isso, coração – argumentou ele. – Acabaria passando por mentirosa diante de seus recentes visitantes.

– *Dois*.

– A menos – continuou o homem, deixando escapar uma risadinha – que dissesse que entrei sorrateiramente no quarto e me escondi no guarda-roupa enquanto você dormia e que saltei sobre você assim que percebi que estava fora de perigo.

– *Três*.

Ele olhou para ela, ergueu as sobrancelhas, mexeu-as para cima e para baixo, então virou-se com despreocupação proposital na direção da cama extra.

Freyja gritou.

– Jesus, mulher! – disse ele, erguendo uma das mãos como se estivesse prestes a levá-la à boca de Freyja.

Deve ter ficado claro para o estranho que de nada adiantaria tapar a boca de Freyja. Que, por sinal, tinha uma capacidade pulmonar considerável. Ela deu um grito longo e alto, sem parar para respirar nem uma vez.

O estranho agarrou o casaco e as botas, correu para a janela, abriu-a e olhou lá para baixo. Então jogou o que carregava e desapareceu.

Freyja estimava que a distância até o chão devia ser de no mínimo dez metros e sentiu uma pontada de remorso. Os restos do homem provavelmente estavam espalhados no piso de pedra do pátio lá embaixo.

A porta foi aberta mais uma vez, revelando uma aglomeração de pessoas com os mais diversos tipos de vestimentas, entre elas o estalajadeiro, trazendo consigo o cavalheiro de cabelo grisalho e o brutamontes de olhar voluptuoso com a barba por fazer.

– Ele acabou entrando aqui, não foi, milady? – perguntou o grisalho, acima do burburinho de vozes.

Mas Freyja desprezava aquele homem, tanto por ela mesma quanto pelo estranho a quem ele tentara enganar usando a própria neta – isso é, se a história fosse verdadeira. Era bem possível que o homem que acabara de sair pela janela houvesse fugido com todos os pertences do cavalheiro que estava diante dela.

– Um rato! – gritou Freyja, levando a mão ao pescoço. – Um rato passou por cima da minha cama!

Houve um alvoroço enquanto algumas das poucas damas presentes gritavam e procuravam cadeiras para subir, e alguns homens entravam corajosamente no quarto e começavam uma caçada ao rato – sob a cama, embaixo do lavatório, atrás do guarda-roupa, sob a cama extra, entre a bagagem de Freyja.

Enquanto isso, ela se viu forçada a desempenhar um papel ao qual não estava habituada: o da mulher trêmula e indefesa.

– Ouso dizer que deve ter sido um sonho, madame... quero dizer, milady – disse o estalajadeiro por fim. – Não costumamos ter ratos na casa. Os gatos os mantêm fora daqui. E se realmente havia algum, ele com certeza já não está mais no quarto.

Alice chegara no meio da comoção, os olhos arregalados de horror, provavelmente imaginando o que diria ao duque de Bewcastle – ou melhor, o que *ele* diria a *ela* – caso houvessem cortado o pescoço da patroa enquanto ela dormia em outro lugar que não era onde ela deveria estar.

– Sua criada ficará com a senhorita, milady – disse o estalajadeiro, enquanto os outros hóspedes se afastavam, alguns indignados por terem sido acordados, outros desapontados por não terem testemunhado a captura do rato, condenado por ter atravessado a cama em que um ser humano dormia.

– Sim. Obrigada. – Freyja achou que estava soando patética o bastante.

– Dormirei na cama extra, milady – informou Alice, em tom firme, depois que todos saíram e a porta foi fechada. – Não tenho muito medo de

ratos, desde que fiquem no chão. Me acorde se ele a incomodar de novo e eu o encontrarei. – A moça estava obviamente apavorada.

– Volte para a cama, seja lá onde for – disse Freyja. – Eu gostaria de dormir sossegada pelo que resta da noite.

– Mas, milady... – começou Alice.

– Acha que tenho medo de um rato? – perguntou Freyja em um tom zombeteiro.

A criada pareceu confusa.

– Ora, não achava que tinha, milady, mas... – respondeu a moça.

– Agora vá. – Freyja apontou para a porta. – E que essa seja a última interrupção pelo resto da noite.

Assim que se viu sozinha, Freyja correu até a janela e olhou para baixo, com medo do que poderia ver. O homem era um invasor, um patife, e merecia o que quer que houvesse lhe acontecido – mas com certeza não a morte. Ela se sentiria mal, até mesmo um pouco culpada, se isso tivesse ocorrido.

Não havia sinal do estranho, das botas ou do casaco dele lá embaixo.

Foi então que Freyja percebeu a hera grossa que subia pelas paredes.

No fim das contas era um alívio, pensou ela, fechando a janela e se virando de volta para dentro do quarto. Talvez agora pudesse aproveitar algumas horas de sono tranquilo.

Mas Freyja parou subitamente antes de alcançar a cama e olhou para o próprio corpo.

Toda aquela cena acontecera enquanto ela usava apenas uma camisola, com os pés nus e os cabelos soltos em ondas desalinhas descendo pelas costas.

Santo Deus!

Freyja sorriu.

E depois começou a rir.

Sentou-se na beira da cama e riu alto.

Tudo o que acontecera fora tão absurdo!

E Freyja não conseguia se lembrar da última vez em que se divertira tanto.

## CAPÍTULO II



Joshua Moore, marquês de Hallmere, saíra de Yorkshire, onde ficara hospedado com um amigo, e seguira em direção a Bath, onde passaria uma semana com a avó, a honorável Lady Potford. Havia uma dezena de outros lugares em que Joshua preferiria estar, mas ele adorava a avó e fazia cinco anos que não a via.

Ele deixou o cavalo em um estábulo público, encontrou a casa que procurava na Great Pulteney Street, bateu com a aldrava na porta e achou graça ao perceber que a expressão no rosto do criado que a abriu mudou da deferência habitual para um olhar de desdém e arrogância.

– Senhor? – disse o homem, fechando a porta até a metade e bloqueando o caminho com o corpo vestido todo de preto. – O que poderia desejar aqui?

Joshua sorriu para o homem.

– Poderia ver se Lady Potford está em casa e perguntar a ela se me receberia? – pediu.

O criado pareceu prestes a responder sem nem mesmo checar se a patroa estava em casa.

– Diga a ela que é Hallmere – acrescentou Joshua.

O nome obviamente pareceu significar alguma coisa. A expressão do criado se transformou de novo, adotando uma máscara educada e sem expressão, enquanto ele abria a porta, se afastava para o lado e inclinava o corpo em uma reverência.

– Se puder esperar aqui, milorde – murmurou o homem.

Joshua entrou no saguão com piso de mármore em um padrão de xadrez preto e branco e observou enquanto o criado, sem dúvida o mordomo, su-

bia as escadas com a postura muito ereta e desaparecia de vista. Não demorou dois minutos e ele reapareceu.

– Queira me acompanhar, milorde – disse o mordomo, da metade da escadaria. – A senhora irá recebê-lo.

Lady Potford estava em uma ampla sala de estar, agradavelmente decorada, com vista para a elegância clássica da Great Pulteney Street. Ainda era esguia e empertigada, usava roupas elegantes e tinha os cabelos bem-arrumados, embora estivesse um pouco mais grisalha do que Joshua se lembrava. Os cabelos, na verdade, estavam completamente brancos nas têmporas.

– Vovó! – Ele teria corrido até ela e a tomado nos braços, se a avó não houvesse levado aos olhos um lornhão que trazia pendurado em uma corrente de ouro ao redor do pescoço, com uma expressão aflita.

– Meu querido Joshua – disse ela –, que tolice a minha imaginar que o fato de você ter adquirido um título de nobreza o tornaria mais respeitável. Não é de estranhar que Gibbs estivesse com expressão mais rígida e hermética quando anunciou sua chegada.

Joshua checou o estado deplorável em que se encontrava. Embora o casaco e a calça estivessem decentes, as botas não estavam engraxadas e guardavam resquícios de lama da noite anterior. Assim como o casaco. A camisa também era a mesma e estava toda amassada. A maior parte do estrago estava escondida embaixo do casaco, mas a lamentável ausência de gravata o fazia parecer ainda menos respeitável. Além disso, ele também não usava colete, que teria servido para esconder melhor o estado deplorável da camisa. Joshua não estava de chapéu nem de luvas. E não se barbeava desde a véspera... e também não penteava os cabelos. Em termos objetivos, devia estar com uma aparência vergonhosa – como alguém que acabara de sair de uma orgia que durara toda a madrugada.

Tudo bem, ele *realmente* beijara duas mulheres diferentes na noite anterior, mas em nenhum dos dois casos teve tempo ou oportunidade para se permitir qualquer coisa semelhante a uma orgia... o que era uma pena.

– Tive um contratempo em uma estalagem ontem – explicou Joshua. – Escapei literalmente no estado em que está me vendo agora. Consegui resgatar meu cavalo do estábulo da estalagem, mas fui forçado a deixar todas as minhas posses para trás. Meu valete com certeza resgatará tudo e trará até aqui mais tarde. Não será a primeira vez que ele acordará e descobrirá que já parti.

– Tenho certeza disso – falou Lady Potford, em um tom sarcástico, deixando o lornhão pendurado pela corrente – Ora, não vou ganhar um beijo?

Joshua sorriu, se aproximou e levantou a avó nos braços, girando com ela e beijando-a com força no rosto antes de colocá-la novamente de pé. Lady Potford balançou a cabeça, meio exasperada, meio conformada por já esperar aquele gesto dele.

– Garoto atrevido.

– É bom vê-la, vovó – disse ele. – Já faz tanto tempo.

– E quem é o culpado por isso? – perguntou ela com severidade. – Há anos você anda sem rumo em busca de prazeres... se as fofocas e suas poucas cartas estiverem corretas, embora eu estremeça ao imaginar como conseguiu fazer isso com as guerras ainda em curso. É uma pena que tenha sido necessária a morte do seu tio para trazê-lo de volta à Inglaterra.

A morte do tio garantira a Joshua o título de marquês, as propriedades e a fortuna, mas também todos os fardos atrelados a cada uma dessas coisas.

– Não foi bem assim, vovó – retrucou ele. – Foi o fim das guerras que me trouxe de volta à Inglaterra. Com a prisão de Napoleão Bonaparte em Elba e os ingleses podendo voltar a andar livremente pela Europa, não havia mais a diversão de se esquivar do perigo.

– Ora, deixe isso para lá – disse ela, balançando a cabeça. – Você está em casa agora, não importa por que razão... ou ao menos *quase* em casa.

– Não tenho intenção de ir para Penhallow, se é isso que a senhora tem em mente – informou. – Ainda há muitos outros lugares para ir e muitas experiências a serem vividas.

– Ah, sente-se, Joshua. Você é alto demais para eu ficar olhando para você quando está de pé – disse Lady Potford, sentando-se. – Você agora é o marquês de Hallmere. Pertence a Penhallow, assim como o lugar pertence a você. Deveres e responsabilidades o aguardam. Realmente está na hora de você voltar para lá.

– Vovó. – Joshua sorriu enquanto se sentava na cadeira que ela indicara e passava a mão pelo rosto não barbeado. – Se tem a intenção de passar a próxima semana me catequisando em relação aos meus deveres, vou sair agora mesmo e cavalgar em direção ao pôr do sol, em busca de novas confusões em que possa me meter.

– Com certeza não teria que procurar muito longe – retrucou ela. – As confusões parecem vir cavalgando atrás de você, Joshua. Seus olhos estão



injetados. Imagino que não tenha dormido nada esta madrugada. Não vou perguntar o que mais você fez na noite passada, além viajar nesse chocante estado de desalinho.

Joshua bocejou até sua mandíbula estalar – algo muito pouco delicado de se fazer na presença de uma dama – e, ao mesmo tempo, seu estômago roncou de modo audível.

– Sua aparência está lamentável, Joshua – observou a avó sem meias palavras. – Quando foi a última vez que comeu alguma coisa?

– Ontem à noite, em algum momento – admitiu ele, um tanto envergonhado. – Fui forçado a abandonar minha bolsa de dinheiro também.

Por conta disso, ele fora obrigado a fazer alguns desvios longos e intrincados para evitar os postos de tarifas do caminho.

– Deve ter sido uma confusão daquelas... – comentou ela. Então se levantou e puxou a corda do sino que ficava ao lado da lareira. – Sinto-me *quase* tentada a perguntar se ao menos ela era bela, mas isso estaria muito abaixo da minha dignidade. Agora vou deixá-lo aos cuidados de Gibbs. Ele o alimentará, o barbeará, e então você talvez queira dormir um pouco. Não há muito mais que se possa fazer até que seu valete chegue com uma muda de roupa. Preciso sair para visitar algumas pessoas.

– Comida, barba feita e um bom cochilo, nessa ordem, me parece a descrição do paraíso – disse Joshua, satisfeito.



Lady Holt-Barron estava feliz por ter convencido Lady Freyja Bedwyn, irmã do duque de Bewcastle, a ser sua hóspede em Bath. Charlotte estava ainda mais satisfeita, simplesmente por ter uma amiga de sua idade ali.

– Mamãe insistiu em vir novamente para Bath, Freyja – explicou Charlotte, enquanto as duas caminhavam pelo Pump Room, onde podiam experimentar as águas termais, na manhã seguinte à chegada de Freyja. Enquanto isso, Lady Holt-Barron estava parada diante das fontes, conversando com um grupo de conhecidos que faziam a mesma coisa. – Ela acredita que um mês tomando essas águas garante sua boa saúde pelo resto do ano. Acho que talvez esteja certa. Papai, Frederick e os rapazes estão caçando, como sempre fazem nessa época, e eu preferia estar com eles. Mas me sinto tão grata por você ter concordado em vir!

Não havia muitas oportunidades para conversas particulares como aquela. O Pump Room era um lugar elegante onde todos se reuniam de manhã para se exercitar e fofocar – e também para beber as tais águas minerais, no caso dos que se sentiam inclinados a fazer isso –, mas Freyja acabou descobrindo que, na verdade, o exercício que se fazia caminhando pelo elegante salão georgiano era mínimo. Afinal, bastava a pessoa dar alguns passos e logo precisava parar a fim de cumprimentar algum conhecido, então voltava a dar mais uns poucos passos e parava novamente. E como Freyja era recém-chegada e parte da nobreza, todos queriam falar com ela, cumprimentá-la, saber notícias que viessem além dos confins de Bath.

O dia seguiu sem nenhuma atividade que exigisse mais energia. Elas foram fazer compras na Milsom Street após o café da manhã. Freyja nunca se deleitara com essa obsessão tipicamente feminina; mesmo assim, manteve-se ao lado de Charlotte por lojas de vestidos, chapelarias e joalherias, seguindo o roteiro de Lady Holt-Barron, enquanto se perguntava qual seria a reação das pessoas se parasse de repente, abrisse a boca e gritasse com o mesmo ardor com que gritara duas noites antes. Freyja sorriu diante da lembrança. Não costumava gritar. No entanto, sentira uma enorme satisfação em deixar escapar aquele grito e ver o estranho sorridente e autoconfiante se jogar pela janela.

O dom que Deus dera às mulheres havia sido posto em prática.

– Ah, você gostou desse, Freyja! – animou-se Charlotte, quando percebeu o sorriso da amiga. Ela estava experimentando um chapéu vistoso, com uma impressionante pluma escarlate. – Também gosto dele. Acho que não vou conseguir resistir a comprá-lo, embora já tenha mais chapéus do que possa vir a precisar. O que você acha, mamãe?

– Se Lady Freyja gosta – comentou Lady Holt-Barron –, então deve estar na última moda, Charlotte. E ele é mesmo muito bonito.

Durante a tarde, elas fizeram algumas visitas sociais, então foram tomar chá nos elegantes salões onde a alta sociedade de Bath se reunia, os Upper Assembly Rooms. O duque de Willett se encontrava lá – estava hospedado na cidade com o tio, de quem deveria herdar uma fortuna considerável. Desde a morte de Jerome o duque dera uma atenção especial a Freyja, mas ela nunca o encorajara. Era um homem baixo, com os cabelos e as sobrancelhas muito claros, os cílios louros. Mas não era a aparência medíocre que o tornava pouco atraente, e sim a atitude sem humor, muito rígida e exa-

geradamente decorosa. Afinal, ela também não era nenhuma beldade, mas nunca fora chata.

No entanto, como a maioria das pessoas com quem conviviam em Bath era idosa, Freyja teve que admitir que a juventude do conde já era um atrativo. Ela o cumprimentou com mais ardor do que teria feito se houvessem se encontrado em Londres, e ele se sentou à mesa e se mostrou agradável com as três damas por cerca de meia hora.

– Minha querida Lady Freyja – disse Lady Holt-Barron depois que o duque as deixou, as sobranceiras erguidas de forma expressiva –, acredito que tenha conquistado alguém.

– Ah, madame – retrucou Freyja com arrogância –, mas ele não conquistou ninguém.

Charlotte riu.

– Acho que perderia seu tempo se tentasse bancar a casamenteira com Freyja, mamãe.

À noite, elas voltaram aos salões dos Upper Rooms para assistir a um concerto. Freyja não tinha nenhuma aversão a músicas. Na verdade, muitas tinham o poder de encantá-la. Não era o caso das óperas. Mas, como a sorte parecia não estar ao lado dela, a convidada de honra era uma soprano de nome italiano, seios enormes e uma voz poderosa, que explodiu a pleno volume durante o recital. Talvez a soprano acreditasse que volume alto era equivalente a alta qualidade, pensou Freyja, enquanto seus tímpanos se contraíam por conta das notas agudas e penetrantes.

De algum modo, o conde de Willett conseguiu se sentar ao lado dela durante o segundo ato, depois de já ter conversado com Freyja no intervalo.

– A audição de uma pessoa poderia ser permanentemente afetada por uma performance como essa – comentou Freyja.

Alleyne ou Rannulf teriam respondido com a mesma ironia: certamente seus irmãos teriam que se esforçar para conter o riso.

– Sim... – concordou o conde em um tom solene. – É divino, não é mesmo?

E aquele era apenas o primeiro dia.

O segundo começou do mesmo modo. A única diferença foi que na manhã da véspera a agitação ficara por conta da chegada de Freyja. Já naquele dia, só se falava da chegada do marquês de Hallmere. Todos esperavam ansiosos que ele aparecesse no Pump Room bem cedo com a venerável

Lady Potford, sua avó materna. Freyja conhecia Lady Potford, mas nunca havia encontrado o marquês. O desapontamento no salão foi quase palpável quando a senhora apareceu sozinha.

– Ele é jovem – explicou Lady Holt-Barron – e dizem que muito atraente. Com certeza o marquês é um dos melhores partidos da Inglaterra. – Ela olhou maliciosamente para Freyja.

Então o sujeito seria considerado atraente mesmo se tivesse a aparência de uma gárgula, supôs Freyja.

Era necessária a chegada de alguém novo, de preferência com um título de nobreza, para animar o espírito daquelas pessoas, pensou Freyja, suspirando em silêncio, enquanto elas deixavam o Pump Room e voltavam para casa, a fim de tomar o café da manhã. Ela sem dúvida cometera um erro indo para Bath. Ficaria louca em duas semanas... talvez em uma! Mas quando se lembrou da alternativa que tinha – ficar em Lindsey Hall, esperando a notícia chegar de Alvesley – decidiu que daria um jeito de suportar aquele exílio por pelo menos um mês. Além do mais, seria descortês deixar as Holt-Barrons tão cedo.

No entanto, não conseguiria aguentar outra manhã de compras. Para não acompanhar Charlotte e a mãe, Freyja deu a desculpa de que tinha algumas cartas para escrever e, para não ficar com a consciência pesada, foi o que fez. Ela se sentou diante da escrivaninha no quarto e escreveu para Morgan, a irmã mais nova. Freyja se pegou descrevendo o que acontecera na estalagem onde passara a noite a caminho de Bath, enfeitando bastante a história, embora os fatos reais já fossem sensacionais o suficiente. Morgan apreciaria o humor da situação e Freyja sabia que a irmã não mostraria a carta para Wulfric.

Wulf com certeza não acharia divertido.

Apesar do vento constante, fazia um lindo dia de início de setembro, e Freyja sentiu vontade de cavalgar. As montanhas além de Bath pareciam ter sido feitas especialmente para que se galopasse entre elas. Porém, se mandasse um criado alugar um cavalo e esperasse até que ele retornasse, era provável que Charlotte e a mãe já tivessem voltado das compras e insistiriam para que um cavaleiro a acompanhasse para protegê-la. Freyja nunca suportou ter criados atrás dela quando saía para cavalgar. Por isso, decidiu dar uma caminhada. Colocou o vestido de passeio verde-escuro e desceu a passos rápidos a colina da casa, em The Circus. Os cabelos claros e cheios

estavam presos em um penteado que quase os domava, sob um chapéu de penas inclinado para o lado.

Freyja atravessou o centro de Bath, acenando com a cabeça para alguns conhecidos, torcendo para não ter a má sorte de encontrar suas anfitriãs e se ver forçada a passar o resto da manhã fazendo compras com elas. Freyja pegou um atalho cruzando o pátio da abadia, passou pelo Pump Room e pela própria abadia e seguiu caminhando ao longo do rio. Então avistou, mais adiante, a grande Pulteney Bridge, da qual se esquecera completamente, já que não visitava Bath havia muitos anos. Depois se lembrou de que, do outro lado da ponte, ficava a esplêndida Great Pulteney Street. O parque Sydney Gardens não ficava no fim da mesma rua?

Freyja não tivera a intenção de andar até tão longe, mas tinha a sensação de que estava enchendo os pulmões de ar pela primeira vez em dias. Não sentia a menor vontade de voltar para casa. Seguiu na direção da ponte, olhando brevemente para as vitrines das lojas enquanto passava, e descobriu que a memória não a enganara: a uma curta distância, estendia-se uma das mais magníficas vistas da cidade.

Freyja seguiu na direção de Sydney Place, para caminhar por seus jardins. Mas então percebeu a placa indicando que a Sutton Street ficava à esquerda. Freyja franziu o cenho e parou de repente. Não levou mais do que alguns segundos para entender por que aquele nome lhe soava familiar. Era em Sutton Street que ficava a escola para meninas da Srta. Martin. Hesitante, Freyja sorriu e depois decidiu seguir naquela direção. Ela sabia até mesmo o número da casa.

Cinco minutos depois, estava parada em uma sala um tanto decadente, esperando a chegada da Srta. Martin. Aquilo com certeza não era uma boa ideia, concluiu Freyja. Nunca estivera ali pessoalmente ou escrevera para lá. Na verdade, nem sequer permitira que o procurador mencionasse seu nome.

A Srta. Martin não a deixou esperando por muito tempo. Era uma mulher pálida, de lábios cerrados e postura reta, exatamente como Freyja se lembrava. Os olhos de um cinza-escuro a encaravam com firmeza, como sempre, mas agora a Srta. Martin mostrava uma expressão de hostilidade mal disfarçada por trás da civilidade.

– Lady Freyja. – Ela inclinou a cabeça, mas não fez uma cortesia. Nem ofereceu uma cadeira nem algo para beber, não demonstrou surpresa nem

prazer. Também não apontou para a porta e ordenou à visitante que fosse embora. Simplesmente ficou olhando, com uma expressão de curiosidade educada no rosto.

Ora, pensou Freyja, gostava ainda mais da mulher por isso.

– Ouvi dizer que tinha uma escola aqui – comentou Freyja, escondendo o próprio embaraço atrás de uma arrogância maior do que a habitual. – Estava passando e decidi visitá-la.

Que palavras tolas!

A Srta. Martin não se dignou a responder. Apenas inclinou a cabeça.

– Para ver como a senhorita está – acrescentou Freyja. – Para saber se há alguma coisa de que a escola esteja precisando. Algo que eu possa providenciar.

A expressão no rosto da Srta. Martin era de espanto... e de uma hostilidade ainda mais patente.

– Estou muito bem, obrigada – disse a mulher, finalmente. – Tenho alunas que pagam mensalidades, alunas que estudam de graça, e várias boas professoras. Tenho também um benfeitor muito generoso comigo e com as minhas meninas. Não preciso da sua caridade, Lady Freyja.

– Muito bem. – Freyja reparou na decadência do lugar e concluiu que o benfeitor não estava sendo generoso o bastante. Ou que a pessoa que agia em nome dele tinha ideias diferentes sobre o que era um fundo adequado. – Achei que valia a pena oferecer.

– Obrigada. – A voz da Srta. Martin tremeu com uma emoção que sua expressão não demonstrou. – Só posso torcer para que tenha mudado nesses nove anos, Lady Freyja, e que tenha vindo aqui movida por uma genuína bondade, e não com a esperança maldosa de me encontrar desesperada e necessitada. Não estou nem uma coisa nem outra. Mesmo sem a generosidade do nosso benfeitor, minha escola está começando a se pagar. Com certeza não preciso da sua ajuda... ou de uma nova visita sua. Tenha um bom dia. Minhas alunas estão perdendo a aula de História.

Pouco tempo depois, Freyja estava caminhando por Sydney Gardens, o coração disparado, os ouvidos ainda zumbindo com a repreensão e o óbvio desprezo da Srta. Martin.

Aquela não devia ser a hora em que as pessoas costumavam ir ao parque, pensou Freyja com certo alívio. Ela passara por poucas pessoas enquanto seguia pelos caminhos sinuosos dos jardins, e não conhecia nenhuma de-

las. Supôs que aquele não fosse o lugar adequado para se caminhar sem uma criada seguindo decentemente atrás. Mas nunca fora de se preocupar com o que era ou não adequado e, naquele momento em particular, sentia-se muito feliz por estar sozinha. Freyja se sentou em um banco rústico por algum tempo, perto de um antigo carvalho, sentindo o sol no rosto e observando um par de esquilos em busca de alguma migalha que um visitante do parque pudesse ter deixado para trás. Eram muito mansos... Mas ainda assim Freyja ficou imóvel para não assustá-los.

Ela já assustara muitas preceptoras quando era menina. Nunca aceitara muito bem ficar confinada, fazendo o que lhe mandavam, exaurindo a mente com aulas terrivelmente tediosas, sendo obrigada a se submeter à autoridade de mulheres insípidas de boa família. Na verdade, Freyja fora uma menina terrível.

Wulf sempre arranjava outro emprego para as preceptoras que eram dispensadas ou que pediam demissão, e Freyja nunca mais pensava nelas. Mas então a Srta. Martin demonstrou uma inesperada força de caráter indo embora de Lindsey Hall pelas próprias pernas – literalmente *caminhando* –, a cabeça erguida, recusando qualquer ajuda de Wulf.

Pela primeira vez, Freyja ficara realmente perturbada por conta de uma preceptora – uma ex-preceptora, naquele caso em particular. Ela conseguira suportar sua substituta pelo resto do seu tempo de estudos, embora a mulher fosse a mais insípida de todas.

Foi mero acidente Freyja ter ouvido falar novamente da Srta. Martin. A ex-preceptora tinha aberto uma escola em Bath, mas estava passando por sérias dificuldades financeiras e logo acabaria fechando o estabelecimento. A história lhe fora contada de forma maldosa por uma conhecida que imaginara que Freyja ficaria feliz com a notícia. Mas não foi o que aconteceu. Freyja procurara um advogado e lhe pagara muito bem para que ele encontrasse a Srta. Martin, levantasse as necessidades da escola e avisasse à ex-preceptora que um benfeitor anônimo estava disposto a arcar com aquelas necessidades, desde que ela conseguisse comprovar que suas alunas recebiam uma educação de um padrão aceitável.

Desde então, Freyja havia se empolgado com o papel insólito de protetora dos necessitados e mandara a Srta. Martin vários alunos que não tinham como pagar a mensalidade e até mesmo uma professora que precisava de emprego e garantira os fundos necessários para mantê-las.

A pobre mulher ficaria embasbacada se soubesse a identidade de seu benfeitor.

E ela mesma ficaria mortificada, pensou Freyja, enquanto observava os esquilos, se alguém descobrisse aquela sua fraqueza secreta. Porque era uma fraqueza. Qualquer preceptora que não conseguia controlar seus pupilos merecia ser dispensada. E qualquer preceptora dispensada que era orgulhosa demais para aceitar ajuda de seu empregador merecia passar necessidade.

Freyja riu baixinho. Como admirara a Srta. Martin naquela manhã. Como a teria desprezado se ela houvesse se disposto a adular sua antiga almoz.

Então um grito a fez voltar subitamente à realidade – um grito feminino, vindo de algum lugar mais abaixo na colina, perto de uma das trilhas. As árvores não permitiam que Freyja avistasse a mulher que gritara, mas era possível ouvir o som de uma voz masculina grossa e de uma voz feminina aguda. Os esquilos fugiram para se abrigar na árvore mais próxima, desaparecendo entre os galhos e a folhagem.

Freyja se levantou. Ela era mulher. Pequena. E estava desacompanhada. Não tinha nem sequer uma criada por perto. Estava em um parque quase deserto e que parecia ainda mais isolado pelas colinas e árvores ao redor. Com certeza não era o momento para atos heroicos. Qualquer mulher normal, numa situação daquelas, teria seguido na direção oposta e corrido o mais rápido que pudesse.

Mas Freyja não era qualquer mulher normal.

Ela seguiu a passos largos na direção dos gritos, mas não precisou ir muito longe. Logo que dobrou uma curva, deparou com uma área gramada à frente. Ali estava um homem muito alto – um *cavalheiro* por incrível que parecesse – agarrando uma criada de corpo miúdo. Os braços dela estavam presos contra o peito dele, que abaixava a cabeça com a intenção lasciva de reclamar sua recompensa. Para cumprir seu objetivo, ele sem dúvida iria arrastá-la para dentro dos arbustos em poucos instantes.

– Tire as mãos de cima dela! – ordenou Freyja, acelerando o passo. – Seu patife grosseiro. Deixe-a em paz!

Eles se afastaram e ambos a encararam com uma expressão perplexa. A moça, esperta, gritou novamente e desceu a colina correndo, o mais rápido que seus pés conseguiram, sem olhar para trás.



Freyja, por sua vez, não fugiu. Ela seguiu adiante até estar quase frente a frente com o canalha agressor, armou o golpe e acertou um soco no nariz do aproveitador de moças inocentes.

– Ai! – disse o homem, levando a mão ao rosto e encarando Freyja com os olhos lacrimejantes. – Ora, ora, sabia que conhecia esse toque feminino tão delicado. É você, não é?

Ele estava elegantemente vestido, com um casaco de montaria azul, calças bufantes e botas altas bem engraxadas e usava um chapéu alto. Mas Freyja levou um choque ao reconhecer os membros longos e o corpo de proporções perfeitas, os cabelos muito louros sob o chapéu, e os olhos azuis profundos do homem que ela vira mergulhar da janela da estalagem três noites antes. Adônis e o diabo em uma só pessoa. Ela arfou.

– Sim, sou eu – disse ela, lamentando não ter revelado o esconderijo dele no guarda-roupa e o abandonado à própria sorte.

– Por que fez isso, coração? – perguntou ele, sorrindo para ela apesar dos olhos lacrimejantes e o nariz vermelho. – Que falta de espírito esportivo da sua parte.

– Seu patife covarde! – atacou Freyja. – Corruptor de inocentes desprezível! Você é mais do que desprezível. Eu deveria denunciá-lo e fazer com que fosse expulso de Bath, mandado para longe das pessoas respeitáveis.

– Vai fazer isso? – Ele se inclinou um pouco na direção dela, os olhos com uma expressão zombeteira. – E quem você vai denunciar, meu encanto?

Freyja sentiu a indignação dominá-la.

– Vou descobrir a sua identidade – disse ela. – Você não vai colocar os pés em Bath novamente sem que eu descubra quem é.

– Certo – retrucou ele. – Mas nós sabemos quem você é. Não é mesmo? Certamente não é filha de um duque. Onde está seu séquito de guardas e parasitas?

– Você não vai desviar a minha atenção – falou Freyja com severidade. – Acha que qualquer criada está à sua disposição apenas porque é uma criada? E apenas porque é bonito?

– Sou? – Ele sorriu novamente. – Acho que você não está disposta a me deixar explicar a situação, não é mesmo, meu coração?

– Não sou seu coração – reclamou Freyja. – E não preciso de explicação nenhuma além do que meus próprios olhos e ouvidos testemunharam. Ouvi a moça gritar e vi você prendê-la entre os braços. Não sou estúpida.

O homem cruzou os braços e a encarou com os olhos brilhando e um sorriso nos lábios. Freyja sentiu-se muito tentada a lhe acertar outro soco.

– Está certo – disse ele. – Mas você não tem medo de que, já que meus desejos não foram satisfeitos, eu possa decidir atacá-la?

– Eu o desafio a fazer isso – retrucou Freyja com frieza. – Posso lhe garantir que voltaria para casa com mais ferimentos do que gostria.

– Um desafio tentador. – Ele riu. – Mas, é claro, você consegue gritar muito mais alto do que aquela moça que acaba de escapar das minhas garras. Acho que seria mais sábio não arriscar. Bom dia para você, madame.

Ele tocou a aba do chapéu em despedida, fez uma meia reverência irônica e saiu caminhando a passos largos pelo gramado até a trilha mais ao fundo.

Freyja permaneceu ali, a vencedora no campo de batalha.



Joshua riu baixinho consigo mesmo enquanto caminhava. Quem diabos era ela?

Ele havia pensado nela algumas vezes nos últimos dias. A mulher parecera muito tentadora naquela camisola que usava na estalagem. Os cabelos claros desalinhados, caindo em ondas pelos ombros e pelas costas, não diminuíram em nada a atração que sentira. A raiva dela, a ousadia, a total ausência de constrangimento ou medo haviam despertado o interesse dele. E a recusa dela em deixá-lo dominar a situação haviam conquistado sua admiração, embora Joshua pudesse ter quebrado o pescoço ao sair pela janela, se não tivesse percebido a tempo a hera que subia pela parede.

Em um primeiro momento, naquela manhã, a achara feia. Não do pescoço para baixo: ela era pequena, mas seu corpo estava tão bonito naquele elegante vestido de passeio quanto na outra noite, de camisola. Mesmo os cabelos, presos decentemente sob o chapeuzinho charmoso, mas ainda rebeldes e ondulados, eram de certa forma atraentes. Mas as sobrancelhas eram escuras demais em contraste com os cabelos quase louros, e o nariz muito proeminente e um tanto adunco. A mulher tinha olhos verdes penetrantes e uma tez morena nada elegante.

Não havia nada de delicado nem de feminino em suas feições. Não era bela, nem mesmo bonitinha. Mas também não era feia. Havia muita personalidade por trás daquela aparência para que fosse considerada feia. Se ele

fosse benevolente, diria que a mulher tinha boa aparência. Se fosse honesto, diria que era atraente.

Quem quer que a tivesse ensinado a dar socos com certeza fizera um bom trabalho. Se recebesse outros golpes como aquele, ele acabaria com um nariz adunco, como o dela.

Uma semana em Bath iria parecer uma eternidade, pensara ele apenas uma hora antes, por mais satisfeito que estivesse por rever a avó depois de tanto tempo. Embora houvesse caminhado um pouco hoje e na véspera, passara tempo de mais dentro de casa, sendo sociável com as visitas de Lady Potford durante a tarde e acompanhando-a a um jogo de cartas na casa da Sra. Carbret, em vez de ir ao concerto nos Upper Rooms.

Apesar de já ser dono do título havia mais de seis meses, era estranho ser apresentado às pessoas como marquês de Hallmere e ver como a deferência delas aumentava depois que o título era mencionado.

Joshua nunca desejou o título ou qualquer uma das armadilhas que o acompanhavam – principalmente Penhallow, a propriedade do marquês na Cornualha. Ele morara lá dos 6 aos 18 anos e odiara cada momento. Como filho órfão do irmão do marquês, não fora bem recebido na casa do tio. Ao longo daqueles anos, Joshua fizera algumas poucas visitas à avó e ao tio pelo lado materno, lorde Potford, filho dela, mas nunca reclamava da vida ou pedia para ficar na casa dela definitivamente – era orgulhoso e também teimoso demais para isso. Mas deixara Penhallow assim que pôde. Aos 18 anos, Joshua implorara ao carpinteiro local para aceitá-lo como aprendiz, já que sempre amara trabalhar com madeira. Mudando-se para o vilarejo de Lydmere, na outra margem do rio que banhava a propriedade do tio, Joshua viveu feliz por cinco anos, até que as circunstâncias o forçaram a partir.

O título, as terras e todo o fardo emocional que ele deixara para trás na Cornualha agora pesavam sobre os ombros dele. Seis meses antes, quando tornara-se marquês, Joshua dispensara o capataz que trabalhava para o tio e contratara alguém de sua confiança. Ele lia os relatórios mensais que o homem lhe mandava e respondia com instruções específicas quando era necessária alguma contribuição de sua parte. Mas, a não ser por isso, ignorava o lugar. Nunca mais queria ver aquela propriedade novamente.

Enquanto se aproximava da casa da avó, Joshua decidiu que ficaria em Bath apenas até o final da semana, nem um dia a mais. Tinha amigos por

todo o país e dinheiro suficiente para viajar à vontade – o único aspecto positivo daquela situação. Passaria o inverno inteiro viajando, ficando uma semana aqui, duas ali... E pensaria em uma ocupação mais permanente quando a primavera chegasse.

Subindo de dois em dois os degraus das escadas da casa da avó, Joshua sorriu para si mesmo. Aquela pequena amazona do parque, filha de um duque... sinceramente! Ela decerto se exibia em alguns lugares elegantes, mesmo que não estivesse na linha de frente da sociedade – o Pump Room, os Assembly Rooms, o Royal Crescent, por exemplo. Eles provavelmente voltariam a se esbarrar por aí, e ele descobriria a identidade dela.

Seria muito divertido flertar com ela, dada a opinião que a moça tinha dele e o temperamento forte dela. Mas na próxima vez ficaria atento àquele punho. Já fora pego desprevenido duas vezes, e era mais do que o bastante.

Quando entrou no quarto e jogou o chapéu e o chicote sobre a cama, Joshua se lembrou da ameaça dela de encontrá-lo e denunciá-lo a... ora, a alguma autoridade, ele supunha. Talvez não fosse inteligente tentar desmascará-la. Ele precisava estar preparado para alguns momentos interessantes quando os dois ficassem cara a cara em público. É claro que poderia derrotá-la no jogo que ela mesma propusera.

Joshua se sentou na beira da cama e descalçou as botas de montaria sem se incomodar em chamar o valete. Torcia para que a moça não tivesse planos de deixar Bath nos próximos dias. Ela talvez evitasse que ele morresse de tédio.

Maldita, pensou, tocando com cuidado o nariz, que ainda doía.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)